

Formação psicanalítica: por que o CEP?

Valéria Quadros¹

O texto a seguir foi originalmente publicado no Boletim do CEPdePA em 2004, data em que se comemorava os 20 anos. Na ocasião, os colegas Jorge Castro e Valéria Quadros foram convidados pela Diretoria para escreverem seus depoimentos.

Fazemos a história de nossa instituição a cada dia, em cada seleção de candidatos, seminário, sessão analítica, nossa própria e de nosso analisando. Talvez nos passe despercebido essa inserção histórica, esse processo constitutivo de uma identidade e de uma filosofia, responsabilidade cotidiana. Por que queremos ingressar no CEPdePA, por que ingressamos e por que permanecemos, constituem indagações sempre pertinentes.

Quando é momento de aniversário, talvez logo nos ocorra pensar nas origens, nas fundações, e então nos parece que toma importância o testemunho de um tempo. Ou, quem sabe, nos evoque pensar no nosso futuro. O presente é este momento que tende a nos escapar, amparado na ilusão de que algo já está dado ou de que o melhor pertence ao horizonte. No entanto, pensar o presente requer um posicionamento crítico que desacomoda.

A formação em psicanálise, sabemos, é interminável. É possível que algo semelhante ocorra em tantas outras profissões: estudos constantes, pensamento criterioso, desenvolvimento de conceitos, enfim, não perder de vista o contexto sócio-cultural em que a prática se insere. Porém, algo é de nossa especificidade, a transferência. Motor do processo analítico, requer permanente auto-análise. Penso no uso clínico do conceito na sessão e em seu sentido lato, ou seja, nossa

¹ Psicanalista, membro Pleno do CEPdePA.

transferência para com a instituição e para com a psicanálise, o que igualmente requer constante exame.

O CEPdePA caracteriza-se, a meu ver, pela importância que confere aos estudos da obra de Freud e dos pensadores da psicanálise, seus contemporâneos e posteriores. Essa gama de possibilidades teóricas enriquece a formação de todos nós que do CEP compartilhamos. Pressupõe o que penso ser uma posição psicanalítica, ou seja, uma postura frente ao conhecimento e o desejo de desenvolver um pensamento crítico. O estudo da psicanálise deste modo profundo e liberto das amarras de um dogmatismo, penso ser um patrimônio da instituição. Quem a busca para aqui fazer sua formação, pode tomar este como um critério de escolha.

Por outro lado, o vir a ser psicanalista é decorrente, em minha experiência pessoal, da análise individual e da prática clínica. Embora ambas fossem prévias ao meu ingresso no CEPdePA, penso que foi a concomitância do que costumamos chamar *tripé* que, em um tempo, tornou-se consistente e fez sentido para mim como uma escolha de trabalho, e como uma ética que nunca termina de se construir, pois se trata da ética da verdade.

Conquanto o CEPdePA possa, à primeira vista, mostrar-se facilitador aos que se interessam em estudar a psicanálise, penso que logo se tornará evidente que a formação é muito mais complexa. Os seminários e as supervisões são condições necessárias, mas não suficientes. A instituição se oferece como um espaço analítico para a gestão do desejo de analisar-se, preservando o caráter terapêutico da análise, a meu ver o mais valioso motor de mudança psíquica. A formação analítica é então aqui e agora, no presente de nossa escolha e não mais na perfeição do horizonte. Necessariamente penso estar falando de um processo que envolve idealização e desidealização, o que de antemão se esperava e o que poderá vir a ser ressignificado.

“A psicanálise visa ajudar o indivíduo a tornar-se autônomo, isto é, capaz de uma atitude reflexiva e deliberativa”, palavras de Cornelius Castoriadis, convidado do CEPdePA em 1991, ano de meu ingresso na instituição.

POSFÁCIO

Na data em que o CEP festeja seus 35 anos, e para este número especial da Revista cuja temática é o *Tempo*, a Diretoria sugeriu a republicação de meu escrito de 2004. Sem dúvida causa certo estranhamento a publicação de um texto quinze anos depois. Mas, como em psicanálise os significados são sempre *a posteriori* (inclusive do que agora escrevo), me proponho a fazer um breve percorrido no tempo, destacando alguns acontecimentos desse período que a mim pareceram mais significativos.

Para começar, relendo o Boletim de dezembro de 2004, encontro nas palavras dos colegas que compunham a Diretoria um certo júbilo com as realizações daquele ano. Ana Paula Terra Machado, da chamada *segunda geração* do CEPdePA, estava no final de seu segundo mandato como presidente e João Pedro Barros Cassal ocupava o cargo de presidente do Conselho. A Diretora do Departamento de Biblioteca e Publicações, responsável pela Revista e pelo Boletim, era Ana Cassia Fruet. Destaco, em primeiro lugar, a reforma e aprovação do novo Estatuto, instituindo a Assembleia Geral como forma de eleição da Diretoria e Presidência do Conselho. Nas palavras de Cassal, “Esta é uma inovação extremamente importante na medida que amplia o poder de voto a todos os associados, o que torna o CEP uma instituição ainda mais democrática”. Entre outros acontecimentos, esse ano foi marcado pela vinda de Elisabeth Roudinesco, a continuidade do Ciclo de Estudos com Luiz Hanns e a indexação de nossa Revista, que passou a ser temática.

Os seguintes quinze anos constituem certamente um período bastante complexo e, como sempre, difícil de abarcar em um pensamento crítico. O tempo não é linear, sabemos. Nesse constante processo de ressignificações, me ocorre assinalar que, desde o ano 2000, a Presidência do CEPdePA não mais foi assumida por um dos fundadores, embora na maioria das gestões um fundador ocupasse a presidência do Conselho. Temos uma exceção em 2009, quando Denise Souza teve seu primeiro mandato e Jorge Castro ocupou a presidência do Conselho, ambos com formação psicanalítica exclusiva no CEP. Importante também ressaltar que ambos haviam participado da eleição para o biênio 1999/2000, único momento

de nossa história em que tivemos duas chapas concorrentes. Integraram a que foi perdedora. A proposta dessa chapa iniciava com um advérbio indicando incerteza, o que me pareceu relevante: “*Talvez esse seja o nosso momento mais sensível desde que entramos no CEP*”. Assim como expressavam o desejo esperançoso de se fazerem escutar, também manifestavam o temor de um crescimento na polarização de posições e de riscos de cisão institucional. A outra chapa estava composta por quatro dos fundadores do CEP, acompanhados por colegas também oriundos do “curso de formação”. Ambas as propostas se assemelhavam, porém a mim chamou a atenção o tom cauteloso de uma e o tom impositivo da outra, que começava com a proposta de “fazer valer o estatuto do CEPdePA em toda sua extensão”, e “intensificar esforços na tentativa de resgatar a ideologia que sustentou o CEP em sua origem e essência, ou seja, *como uma sociedade científica que mantém um Centro de Estudos em Psicanálise*” (grifo meu).

Parece significativo que justo ao término da gestão 2009/2010 tenha havido um ensaio de novamente surgirem duas chapas, o que não chegou a se efetivar.

Marcelo Viñar nos diz (1997, p. 4), “El tiempo de la perlaboración no es linear sino circular (laberíntico). Se empantana en la repetición hasta que algo de la superación de la angustia y la apertura del sentido, lo abran y desplieguen en la espiral, que es el propio de la metáfora viviente, en perpetua mutación”.

A questão dos Estatutos acompanha a história do CEPdePA desde sua formulação em 1991, data da “segunda fundação”. Durante a primeira gestão de Denise Souza foi proposta nova reforma. Esse trabalho continuou ao longo das duas gestões seguintes, ambas presididas por Gustavo Soares. Ou seja, por cerca de cinco anos. A Comissão de Revisão dos Estatutos foi composta por Denise Souza, Gustavo Soares, Ignácio Paim, Jorge Castro e Valéria Quadros. Embora tenham sido sugeridas algumas alterações, a questão principal foi a proposta de incluir entre os objetivos do CEPdePA “oferecer formação psicanalítica”. Este foi um grande embate, gerando alguns anos de discussões, possíveis certamente dentro do espírito democrático que norteia nossa casa. No ano de 2013, temos importante documento publicado no Boletim, de autoria de Leonardo Francischelli: “Sobre fundações: algumas considerações”, no qual expõe seus argumentos contrários a essa mudança estatutária. São suas palavras: “Retorno à construção de

nossa argumentação contrária a que se coloque em nossos estatutos, *aquela marca que não nos pertence*, ou seja, a de “formar psicanalistas” porque essa colocação desloca todo o sentido do ideário fundador do CEPdePA” (FRANCISCHELLI, 2013, p. 9, grifo meu).

Penso que outros movimentos institucionais seguiram paralelos a essa questão, e certamente tiveram sua parcela no desfecho de dezembro de 2015. A partir do Simpósio de 2014, “Recordar, repetir e elaborar e assim poder criar”, foi inaugurada a *Incubadora de Projetos* para dar prosseguimento aos temas propostos. Vinculada à Diretoria Científica, coordenada por Aline Pinto, estabeleceram-se os grupos de discussão “Identidade e Formação” e “Clínica Ampliada”. Em especial os jovens cepianos mostraram entusiasmo com esses espaços de debate, propondo mudanças. Transcrevo trecho de documento encaminhado à Presidência e à Diretoria Científica na ocasião pelos colegas Camila Terra da Rosa, Fernando Basso e Bárbara Rocha (2014, n.p.).

[...] acreditamos que as discussões sobre o estatuto e a formação analítica possam ser retomadas, para que todos os membros estejam a par destas polaridades que constituem nossa instituição. Pensamos que se tais polaridades não forem discutidas com rigor e respeito a partir de um contínuo debate com os membros, na realização de assembleias e eventos, não iremos avançar nas proposições de nossa identidade institucional e da ampliação de nossa clínica. A participação nas questões políticas do CEPdePA pode ser vista como um passo a mais para que possamos sustentar o local que ocupamos em nossa sociedade. Requeremos, desta forma, o encaminhamento formal da presença do CEPdePA como instituição integrante do Movimento Articulação.

A participação do CEPdePA no Movimento Articulação das Entidades Psicanalíticas Brasileiras retardou-se em catorze anos. Iniciado em 2000, na esteira dos Estados Gerais da Psicanálise, o Movimento visa combater a regulamentação da psicanálise, naquele momento sofrendo nova investida pela ação de parlamentares ligados à bancada evangélica. Várias instituições psicanalíticas do Rio Grande do

Sul assinaram o primeiro Manifesto, como a APPOA, o então Núcleo de Estudos Sigmund Freud, o Círculo Psicanalítico do RGS, o Recorte de Psicanálise – POA, além das três instituições IPA (ALBERTI et al., 2009). Há três critérios em especial para o ingresso de uma instituição no Movimento: ser apresentada por duas instituições já participantes, reconhecer-se como formadora de psicanalistas e não ter fins lucrativos.

Particularmente penso que as participações de Ana Paula Terra Machado, como representante da Febrapsi no Articulação, e de Denise Souza no Congresso dessa mesma instituição, em 2009, contribuíram para que o desejo de ingresso do CEPdePA tomasse novo alento. Porém, apenas em 2014 fomos apresentados formalmente ao Articulação pela APPOA e pela Sigmund Freud Associação Psicanalítica. Desde esse início Gustavo Soares ocupa a função de representante. Em 2019 passei a integrar essa representação.

No site do Departamento de Psicanálise do Sedes Sapientiae encontramos o Relatório de Ana Sigal, representante desta instituição no Movimento, narrando o ingresso do CEPdePA. A relatora estranha o fato de que não havíamos assinado o Manifesto por não termos tido notícias dele. No entanto, sabemos, alguns de nossos fundadores o assinaram como SBPPA. Reproduzo breve trecho desse Relatório:

Solicita-se que na próxima reunião a nova instituição faça sua apresentação, trazendo elementos que justifiquem o seu interesse em participar agora, 15 anos depois do manifesto. Isto possibilita uma interessante discussão – que permeará toda a reunião – sobre a vigência de nossas posições (SIGAL; AIDAR, 2015, on-line).

Assim, o ingresso formalizou o CEPdePA como instituição formadora de psicanalistas perante seus pares em caráter nacional.

Um ano após o início de nossa participação, na data de dezembro de 2015, em Assembleia Geral, votou-se a inclusão, no Capítulo I, Artigo 3, de mais um objetivo do CEPdePA, qual seja, o de “oferecer formação psicanalítica”. Dos 122 votos apurados, 103 foram favoráveis à alteração e 19 contrários. Entendo que a

proposta da Comissão de Revisão dos Estatutos visou ratificar o que o CEP já é para muitos de nós: um fim em si mesmo no que se refere à formação analítica. Considerando as demais proposições do Artigo 3, nada impede a instituição de seguir com sua filosofia de receber também aqueles que escolhem o CEP como um meio em sua trajetória profissional.

Desde então, seguimos elaborando essa mudança e defrontando-nos com suas consequências. Para alguns dos que votaram contra, a mudança toma um caráter de infidelidade a uma tradição e até mesmo de retrocesso. Ousou-se contestar a ambiguidade, virtude valorizada da instituição. Pessoalmente penso que a ambiguidade é potência na arte e na poesia. Nos objetivos *princeps* de uma instituição psicanalítica, não creio que se trate de uma virtude. Arriscou-se perder o “amparo” dos pais. Porém, numa outra leitura possível, estamos identificados com os fundadores, que ousaram criar o CEPdePA há 35 anos: “[...] toda mudança tem algo de desleal e rebelde” (SHEVRIN, 2003, p. 39).

Um dos pontos controversos é o temor de alguns de que o CEP passe a exigir análise para o ingresso na instituição. Verifico que em meu escrito de 2004 minha posição era a de que isso não seria necessário. Seguiu o discurso originário de que o colega ingressante, com o tempo, teria naturalmente despertado o seu desejo de analisar-se. Não penso mais assim. Na verdade, foi me parecendo cada vez mais incongruente afirmarmos que trabalhamos com o tripé psicanalítico, exigindo a presença nos seminários (inclusive com folhas de “chamada”), exigindo a supervisão e deixando *o pé da análise*, ênfase freudiana, a cargo do *tempo*.

O convívio com outras instituições psicanalíticas no Movimento Articulação – a quase totalidade pertencendo ao chamado Campo Lacaniano – comprovou que a análise é o elemento fundante de um psicanalista. No teor dos frequentes documentos necessários no combate à regulamentação, esse é o aspecto mais enfatizado. Claro que já sabíamos disso. Então, por que fazer essa “cisão” em nossos critérios?

Relendo o livro que conta a história do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, encontrei algumas contribuições interessantes ao tema. São transcritos trechos de entrevistas com os pioneiros do então Curso de Psicoterapia de Orientação Psicanalítica (1976). Destaco as participações dos analistas

da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Fabio Herrmann comenta sobre documento da SBPSP que proíbe a participação de seus filiados em cursos “que se caracterizassem por formação teórica, supervisão clínica e exigência de análise. Isso configurava formação paralela”. Caso não se afastassem do Sedes, estariam “condenados a um ‘exílio interno’”, sem poder exercer funções. Isaías Melsohn destaca o artigo do anteprojeto dos Estatutos da SBPSP que tratava das circunstâncias em que um membro seria expulso; uma dessas seria “lecionar numa instituição de ensino de psicoterapia que recomendasse análise pessoal como um dos elementos da formação”. Herrmann acrescenta: “A ideia era formar um polo de tensão, não para romper com a sociedade, mas porque a psicanálise cresce e floresce em situações de tensão, não de estabilidade. [...] propiciou que surgissem outras maneiras de formação [...]” (LINO; TABACOF; MELLO, p. 48-50).

A “formação paralela” pressupõe a hegemonia da IPA no tocante à formação de psicanalistas. E a recomendação de análise pessoal, menos do que uma exigência, já configurava motivo para a punição dos analistas que se ligassem a essas instituições. Muito oportuno o comentário final de Herrmann, destacando a importância dos momentos de tensão para a vitalidade da psicanálise.

Com isso podemos retornar às origens, ao momento de fundação do CEP-dePA, inaugurando-se à margem. É possível conjecturar que nossos fundadores que haviam deixado o Brasil, tenham vivido uma experiência de liberdade psíquica (paradoxo do estrangeiro) que lhes permitiu, no retorno, criar um espaço democrático e hospitaleiro. Ainda que os anos tenham sido de chumbo com a ditadura argentina, filiaram-se a uma instituição, a APA, que viveu importantes movimentos de contestação e mudanças institucionais (Plataforma, Documento, Movimiento de los Candidatos, Reforma Mom-Baranger e a própria cisão e criação da APdeBA). Hospitaleiro e estrangeiro têm radicais semelhantes: “[...] o *xenos* corresponde ao futuro radical latim de *hostis* que dará tanto a palavra *hóspes*, hóspede, amigo, como também *hostis*, inimigo [...]” (GAGNEBIN, 2006, p. 20). Dessa mescla, que talvez faça parte de nossa genealogia, resultou uma instituição democrática, aberta aos profissionais da psicologia (*xenos?*), pluralista em seu referencial teórico, embora priorizando os textos freudianos. Vale lembrar que, nas décadas anteriores, as instituições que ensaiavam oferecer uma formação em

psicanálise, fora da IPA, foram a Maiêutica (1980), de orientação lacaniana, e o Círculo Psicanalítico (1956), cujo fundador foi Igor Caruso (Viena).

Talvez o tema do *estrangeiro* possa ter continuidade com o ingresso dos chamados “leigos”, a partir do processo de seleção em 2015. Novamente o convívio no Articulação nos fez constatar que a maioria das instituições componentes não restringe seus membros aos psicólogos e médicos. Aliás, a laicidade da psicanálise é uma das principais bandeiras do Movimento contra a regulamentação.

Desde o ano de 1998 integramos a Federación Latinoamericana de Asociaciones de Psicoterapia Psicoanalítica y Psicoanálisis (FLAPPSIP), através da qual aprofundamos nossos vínculos com os colegas desses países vizinhos, de além-fronteiras. Como podemos acompanhar na entrevista de Jorge Castro (BOLETIM INFORMATIVO DO CEPDEPA, 2017), foi preciso muito argumentar para que fosse incluída a “Psicanálise”, o último “P”, em sua denominação. Uma história que nos é familiar. Embora o Círculo Psicanalítico de Minas Gerais tenha participado nos inícios da fundação, parece que não permaneceu, pois durante vários anos o CEPdePA foi a única instituição brasileira na FLAPPSIP. Em 2013 a representante do CEP Denise Souza assumiu a Secretaria Científica e, em 2015, a Presidência da instituição. Em 2017 sediamos o IX Congresso “Psicanálise, um mundo em transformação – teoria, clínica e cultura”. Durante a gestão de Denise Souza foi possível integrar duas outras instituições psicanalíticas brasileiras: o Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e o Círculo Psicanalítico do Rio de Janeiro. Constato que um dos pontos fundantes da FLAPPSIP é aprofundar o estudo do nexos entre a clínica e o social, conforme declaração na página da instituição. O que pode ser confirmado pelos temas escolhidos para os congressos e que têm motivado nossos colegas a escrever e apresentar trabalhos.

Observo, principalmente entre os jovens colegas cepianos, um crescente interesse por aspectos políticos, desde a política institucional até a esfera sociopolítica em seu sentido estendido. Vejo-os bastante implicados em sua formação psicanalítica e na vida institucional como um todo. Destaco a iniciativa de criarem a “Jornada dos Membros Provisórios: Marcas da Formação”, que já teve sua segunda edição, e a “Psicanálise na Praça”, que, embora não seja uma atividade do CEPdePA, foi criada por um número expressivo de cepianos.

Nesse breve percorrido no tempo, não poderia deixar de citar a continuidade do projeto de publicar livros, iniciado em 2010. *Formação psicanalítica: fatos e versões* foi nossa primeira publicação, seguida de *Entre Schreber, Freud e a clínica: escritos da alma* (2011), *Para uma introdução ao narcisismo: reflexo e reflexões* (2014), *Sexualidade* (2016) e *Édipo: enigma da atualidade* (2018) – os três últimos volumes incluindo a tradução do alemão de textos freudianos. Os livros integram nossas outras formas de publicação, como o *Boletim Informativo* e a *Revista do CEPdePA*. Constituem preciosas fontes da história de nossa casa. Nas palavras das organizadoras do livro “*Édipo*”, Juliana L. Lima, Denise Hausen e Ana Cláudia Meira (2018, p. 7): “Nessas andanças, desde 1984 até hoje, tem sido possível o importante trânsito entre o aprendido e o desafiado, entre o herdado e o conquistado, entre o recebido e o construído”.

As “andanças”, o “além-fronteiras” me levam ao CEPserra, nossa sede nas montanhas. Bela evocação às paisagens queridas a Freud em seus passeios de férias. Trata-se de uma história dentro da história. Desde os inícios do CEP tornou-se uma tradição colegas virem da Serra para fazer aqui sua formação. Em 1992, em Caxias do Sul, foi criado o ARCHÉ, fundado por colegas daquela cidade que haviam feito sua formação no CEPdePA. Foram convidados colegas de Porto Alegre para compor as funções de coordenação de seminários e de supervisão. Com o desenvolvimento do trabalho, a direção do ARCHÉ almejou nomear-se como uma instituição formadora de psicanalistas. Porém, encontrando algumas dificuldades, inclusive a gradativa diminuição de colegas para novas turmas, o ARCHÉ encerrou sua existência no ano 2000, até onde posso recordar. Menciono esses fatos, primeiro, porque participei do ARCHÉ durante alguns anos, e também porque essa experiência pode ajudar a entender o longo tempo necessário para que o CEPdePA estabelecesse sua sede em Caxias do Sul.

Foi em 2002, na gestão de Ana Paula Terra Machado, a realização de uma primeira Jornada Científica naquela cidade: “Desafios da Clínica Psicanalítica na Atualidade”. No ano seguinte foi lançado o Núcleo CEP Caxias do Sul, vinculado ao Departamento de Grupos e Relações com a Comunidade, sob a direção de Augusta Gerchmann. Em abril de 2011 foi inaugurada a primeira sede do CEPserra. Durante esses primeiros anos, o trabalho centrou-se em auxiliar no

estabelecimento de uma coordenação “serrana”. A colega Sueli Santos participou de alguns desses encontros. Em novembro de 2013, na gestão de Gustavo Soares, foi criada a Diretoria do CEPserra, assumindo o cargo a colega Rosana Nora (POA) e Rosita Esteves (Serra), na coordenação. No ano seguinte ocorreu o primeiro processo seletivo para a formação psicanalítica em Caxias do Sul. Ressalto que, nos anos que antecederam a formação de turmas de seminários, sempre foram realizadas atividades científicas nessa cidade, em especial Grupos de Estudos. Agora, em 2019, tivemos a V Jornada Científica e a primeira turma do CEPserra está concluindo os seminários. Nesse último período houve o início da clínica e a mudança de sede. Na atual gestão o Departamento CEPserra foi, pela primeira vez, assumido por uma colega de Caxias do Sul, Luciane Meng.

Para concluir, me reporto ao título de 2004, *Formação Psicanalítica: Por que o CEP*.

Como muitos de nós, continuo escolhendo o CEPdePA para minha formação psicanalítica continuada. Tenho tido o privilégio de ser convidada a escrever sobre a história de nossa instituição. Sinto-me muito grata, embora essa possibilidade esteja aberta a qualquer um de nós que tenha gosto pelo tema. Essa escrita me traz ao exercício de pensar o significado das relações que o presente estabelece com o passado. Entendo que os fatos, por si mesmos, não são suficientes para tecer a complexidade que constitui uma instituição. É a relação, o vínculo entre eles, que no *a posteriori* trará uma hipótese criativa. E certamente cada um de nós terá seu olhar e entendimento particulares.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, S. *et al.* (org.). **Ofício do psicanalista: formação versus regulamentação**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

BOLETIM INFORMATIVO DO CEPDEPA: CEP 20 anos. Porto Alegre: CEPdePA, dez. 2004.

BOLETIM INFORMATIVO DO CEPdePA. Porto Alegre: CEPdePA, jul. 2013.

BOLETIM INFORMATIVO DO CEPdePA. Porto Alegre: CEPdePA, jul. 2017.

FRANCISCHELLI, L. Sobre fundações: algumas considerações. **Boletim Informativo do CEPdePA**, Porto Alegre, jul. 2013.

GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.

LIMA, J. L.; HAUSEN, D.; MEIRA, A. C. Argumento. *In*: LIMA, J. L.; HAUSEN, D.; MEIRA, A. C. **Édipo**: enigma da atualidade. Porto Alegre: Sulina, 2018.

LINO, D. M. R.; TABACOF, H.; MELO, V. M. (org.). **História do Departamento de Psicanálise**. Instituto Sedes Sapientiae. São Paulo: Narrativa Um, 2006.

PLATAFORMA Gestão 99-2000 e Eleições 1999 – CEP 2000.

ROSA, C. T. da; BASSO, F.; ROCHA, B. Carta ao Presidente do CEPdePA e à Diretora Científica. Porto Alegre, 22 ago. 2014. Cópia de e-mail. Arquivo pessoal.

SHEVRIN, H. A ciência, a prática e o ensino da psicanálise. *In*: MAJOR, R. (org.). **Estados Gerais da Psicanálise**. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2003.

SIGAL, A. M.; AIDAR, C. Notas para o boletim sobre a reunião do Movimento Articulação. **Boletim online**: Jornal digital dos membros, alunos e ex-alunos, n. 34, jun. 2015. Disponível em: <http://www.sedes.org.br/Departamentos/Psicanalise/index.php?apgbvisor&pub=34&ordem=14>. Acesso em: 17 ago. 2019.

VINIÑAR, Marcelo. Texto introductorio al “diálogo con historiadores”. **Sobre tempo, relato y terror**. 1997.